entrada directa de António Mesquita na guerra coincidiu com o início real da guerra em África. Na noite de 3 para 4 de Fevereiro de 1961, o motorista de jipões da companhia de caçadores 83 estava mais os companheiros na estação de Luanda. Bebia calmamente cerveja e comia camarão à espera do comboio para Malanje, quando se deu o ataque simultâneo dos militantes do MPLA a duas cadeias e ao quartel de polícia da capital angolana.

O ataque falhou, mas muitos mortos e feridos caíram dos dois lados. "Já não fomos para Malange. No outro dia fomos assistir ao enterro dos polícias." O jovem António Mesquita chegara a



Luanda poucos meses antes e tinha partido de Lisboa sem sequer avisar os pais. Ele, como os outros

— incluindo o governo de António de Oliveira Salazar — não estavam preparados para o que veio a seguir.

Em meados de Março, chegam a Lisboa os ecos das chacinas nas fazendas do noroeste interior do país, na zona dos Dembos, desta vez cometidas por outra organização nacionalista, a UPA (União dos Povos de Angola). Morrem entre 800 e 1200 brancos e cinco vezes mais negros. A resposta do lado português, militar e civil, não será menos violenta.

A 13 de Abril, o Presidente da República, Américo Thomaz, demitia o ministro da Defesa, Botelho Moniz, e o general Costa Gomes, e Salazar assumia a pasta. Nessa mesma noite, pela televisão, o presidente do Conselho lança Portugal para 14 anos consecutivos de guerra, declarando que, para Angola, só havia uma solução: "Andar rapidamente e emforça".

Assim se fez e António Mes-



ANTÓNIO MESQUITA

COMISSÃO EM ANGOLA

"ACHA ISTO LÓGICO?!"

quita, que já lá estava, mergulhou de cabeça no horror. Muitos meses sempre em deslocação no Norte de Angola, mais (pelas contas que faz) de dez mil quilómetros pelos caminhos de combate - Malange, Caxito, Dondo, Nambuangongo. O primeiro ataque que sofreu foi perto de Vilaverde. Ia ao volante quando rebentou uma saraivada de zagalotes e canhangulos, uns tubos de construção que apenas disparavam uma vez, com efeitos terríveis. Seguiu-se uma luta corpo a corpo com os guerrilheiros. Dessa, sobra-lhe uma cicatriz na pálpebra direita e uma cena que nunca fugiu da sua cabeça: um homem a avançar e ele a descarregar-lhe no corpo os cinco tiros da arcaica Mauzer de repetição. O guerrilheiro morreu-lhe quase em cima, o espanto ficou. Por momentos pensou que era verdade o que constava: "Eles levavam amuletos. Diziam que se morressem ressuscitavam outra vez."

Os prisioneiros foram obrigados a abrir valas comuns para se enterrarem uns aos outros e António Mesquita saiu dali ferido, na parte traseira de um dos jipões. "Eu e mais dois colegas mortos no jipão, eu em cima deles. Já viu o que é ir ao pé dos colegas mortos e abraçá-los a chorar?"

Fala hoje melhor do passado através das fotografias acastanhadas que foi enviando periodicamente aos pais até que encheram uma caixa de cartão em 1962, quando finalmente voltou. Segu-



ra-as nas mãos trementes e explica-as em voz hesitante, como o seu próprio discurso.

Uma paisagem africana meio tremida, de capim e palmeiras: "Aqui mataram um colega nosso." António Mesquita, de caqui colonial e um sorriso de 21 anos, ao lado de dois negros de farda e o corpo do que parece um enorme antílope: "Aqui matei esta pacaça." Ao lado de outro rapaz, ambos em estranhos fatos carnavalescos: "Aqui era quando eu fazia teatro." Em pose de combate no meio do capim, com a seguinte legenda: "O inimigo estava próximo". Uma fotografia - a quarta com o mesmo motivo - em que António Mesquita ajuda a segurar um caixão coberto: "Aqui sou eu a levar mais um com a bandeira portuguesa." Um palanque cheio de personalidades civis e militares fardadas de branco imaculado. António Mesquita segura a fotografia com frieza: "Aqui são os oportunistas..." Os oportunistas? "Os oportunistas" - mantém -"eram os que mandavam os desgraçados para lá."

"Ora bem, aqui está" — exclama, meio solene —, "é desta que eu andava à procura." É uma igreja semelhante a muitas outras que se encontram em Portugal, com duas torres e dois sinos. Só a paisagem circundante é diferente. Umas cruzes negras erguem-se de um canto terroso. Escreveu por baixo, a caneta, o que os pais leram a milhares de quilómetros de distância: "Recordação de Nambuangongo 3/9/61. Perante a capela está o cemitério aonde alguns meus colegas estão enterrados."

Via assim a morte dos dois lados. Também do dos angolanos, de quem gostava quando começou a loucura. Foi obrigado a participar em coisas que ou não consegue ainda contar, ou que o deixam exausto e à beira de chorar. Avançar por uma sanzala com os jipões contra as cabanas em chamas e as mulheres e as crianças a gritar lá dentro. "Não gosto de ver crianças mortas!..."

António Mesquita trabalha há já 23 anos na TAP, como mecânico, com altos e baixos no serviço. Percebe-se que o tempo tem nele uma dimensão diferente da habitual. Explica assim os 12 meses em que esteve de baixa: "No ano passado não me sentia bem".

Também complicada é a sua vida familiar. Casou em 1964 e tem duas filhas. A mulher não sabia o que se tinha passado, na altura, como ela confessa ao lado do marido, com resignação. O diálogo é difícil, diz ele meio brincalhão: "O que me chateia é ela não tomar sentido das minhas palavras. E depois vou aos arames!" A mulher defende-se: "Ele pensa que eu tenho que dar-lhe sempre razão. É assim, e pronto!"

Integrado num dos grupos de psicoterapia no Hospital Júlio de Matos (por lá passou em diferentes condições por muito tempo, sem resultados), pediu agora para continuar o tratamento por mais seis meses. No primeiro mês custa muito falar do que vai dentro de um ex-combatente, mas depois "fica-se muito melhor". Ele está "muito melhor".

"A malta está enganada, a malta que procure a psicologia!". sugere, mais animado. Mas cai, a seguir, no problema da lógica da guerra, algo que o aflige quase tanto como o peso da consciência. aos 53 anos de idade. Uma vez, depois de uma emboscada, andavam todos à procura de um soldado desaparecido. Uma hora já e perdia-se a esperança. E ele reaparece do meio do capim, carregado de espingardas, a empurrar quatro prisioneiros que ali perto fizera, todo sorridente. "Acha isto lógico?! Acha isto lógico?!", pergunta António Mesquita.

O "herói" foi com certeza condecorado. "Eu não fui condecorado. Talvez se fosse enterrado seria a melhor condecoração que eu dali levava."

●